

OS TEXTOS CONOTATIVOS E OS DENOTATIVOS: CONTRIBUIÇÕES PERTINENTES ÀS PRÁTICAS DE LEITURAS E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Wandercy de Carvalho (UFT)
wcarvalho@mail.uft.edu.br

RESUMO

Meu objetivo é identificar e descrever as principais características distintas entre os textos conotativos e os denotativos. O estudo será desenvolvido a partir de Oliveira (2003), Chierchia (2003), Ilari (2001) e outros. Início com os estudos referentes ao tema, depois acrescento informações que norteiam e especificam textos conotativos e textos denotativos. O *corpus* é composto por 20 (vinte) características, sendo 10 (dez) de cada grupo textual. Os resultados demonstram que existem traços bem distintos entre os textos literários e os textos acadêmicos. Tais exposições vão propiciar facilidades no que diz respeito aos processos de práticas de leituras e produção de textos, em sala de aula, que muito contribuirão na formação de professores que estejam atentos à escrita dos alunos.

Palavras-chave:

Características. Denotativos. Textos Conotativos.

ABSTRACT

My goal is to identify and describe the main distinctive features between connotative and denotative texts. The study will be developed from Oliveira (2003), Chierchia (2003), Ilari (2001) and others. It begins with the studies related to the topic, then information is added to guide and specify connotative texts and denotative texts. The corpus consists of 20 (twenty) characteristics, 10 (ten) of each textual group. The results show that there are very different traits between literary texts and academic texts. Such expositions will provide facilities with respect to the processes of practice of reading and production of texts.

Keywords:

Characteristics. Denotative. Connotative texts.

1. Introdução

Tal qual um cientista que cheira, prova e analisa as águas do rio Negro e do rio Solimões, para ele descobrir a existência de elementos que contribuam para os dois rios se deslocarem, lado a lado, sem se misturar; de modo aproximado, observo os textos existentes em nosso meio social, para identificar e descrever as diferentes características que estão presentes nos textos literários, mas que não existem nos textos acadêmicos.

De acordo com uma breve consulta ao *Google*, é possível perceber que os rios citados, apesar de serem compostos com o mesmo elemento, (água), ambos se deslocam, por longa distância, pelo mesmo leito, sem se misturar. E assim, recorrendo à metonímia para comparar o meu método ao de um cientista que estuda a composição da água do rio Negro e do rio Solimões, demonstrarei que, embora os textos literários e os textos científicos sejam escritos com o mesmo elemento, (palavras), eles não se “misturam”, já que neles existem certas particularidades que vão contribuir para essa distinção.

Em função do elevado número de gêneros textuais circulantes em nosso meio social, para um leigo, “tudo é a mesma coisa”. Contudo, quem se dedica a estudá-los vai identificar diferentes características que os distinguem. Elas são bem significativas, e podem ser encontradas, principalmente, em certos vocábulos particulares, os quais podem aparecer em um gênero textual, no entanto, não são admissíveis em outro.

Desse modo, a partir de uma observação puramente empírica, exponho, aqui, os principais traços distintos, não só nos textos conotativos ou literários, mas também nos textos denotativos ou acadêmicos; para que, assim, seja possível estar atento, não só ao escrito como também à escrita em nosso meio social, e assim seja possível apontar questões de ensino a professores/ futuros professores de qualquer disciplina.

Inicialmente, destaco os diferentes significados do verbo **conotar**, bem como as palavras que dele derivaram: *conotação* e *conotativo*. Isso ocorrerá, a partir das seguintes fontes teóricas: (OLIVEIRA, 2003); (CHIERCHIA, 2003); (ILARI, 2001) e outros. Logo após, são expostos os diferentes conceitos ou definições dos seguintes vocábulos: denotar, denotação e palavras denotativas; a partir da visão de (CHALHUB, 1995); (ILARI, 2001); (CAVALIERE, 2009), dentre outros. Com os quais é possível dialogar e perceber que denotar, denotação e palavras denotativas possuem diferentes acepções. Em razão disso, existe aqui a opção por seguir a primitiva definição latina do verbo *denotare*.

2. *O texto conotativo ou literário*

Antes de falar sobre o que são textos conotativos, convém destacar o significado de **conotar**.

De acordo com o dicionário (HOUAISS, 2009, p. 525), **conotar** é “evocar ou sugerir sentidos além do conceito literal de uma palavra ou

expressão”. Ainda de acordo com o mesmo autor, **conotação** é o “conjunto de alterações ou ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido literal”. (FERREIRA, 2009, p. 527), também orienta sobre **conotação**: “[Do Lat. Med. *Connotatione*, pelo ingl. *Connotation*]. Sentido translato¹, às vezes de teor subjetivo, que uma palavra ou expressão pode apresentar paralelamente à acepção em que é empregada”.

Além de “ampliações que uma palavra agrega ao seu sentido”, também se pode compreender a **conotação** como sinônimo de múltiplos significados, os quais passam a ser encontrados em um texto. Também são ditas ‘múltiplas leituras’, as quais um autor deseja que seu leitor seja capaz de percebê-las. Nesse caso, se o autor pretende escrever um texto com metáforas, ou rico em significados intersubjetivos, seleciona e usa palavras que sejam capazes de dar aquele efeito desejado. Isso ocorre, porque, de acordo com a organização das palavras na frase, elas podem causar certos efeitos de sentidos, uma vez que os mesmos estão intrínsecos às próprias palavras, com as quais o escritor “brinca”, no sentido lúdico do termo. Com isso, ele constrói sentenças, não só com muitos significados, mas também divertidas, se assim ele desejar, fato que vai propiciar uma interlocução entre texto e leitor.

Em uma obra literária é possível inserir um exemplo como o seguinte:

- (1) Enquanto uma raposa, sorrateiramente, se aproxima da vila para pegar uma galinha desatenta, o carpinteiro pega pregos e martelo para consertar o pé da mesa.

De acordo com o que se percebe, há uma correlação de sentido entre as palavras, e o mesmo é vinculado a “um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão somente da presença simultânea de outros...” (SAUSSURE, 1977, p. 133). Desse modo, esta “solidariedade” entre as palavras vai contribuir para a formação de uma linguagem figurada e metafórica. Quando me refiro a pé demesa, faço relação direta com o pé do ser humano, de igual modo, se desejo me referir ou direcionar a um político que não merece confiança, basta chamá-lo de raposa. E assim, conforme as minhas intenções, poderei enriquecer o texto usando palavras que podem variar de sentido a cada instância de leitura. Tais características vão determinar os textos conotativos. São eles que apresentam “linguagens figuradas”, que não refletem o mundo.

E como as linguagens figuradas se manifestam?

¹ *Trans* (prep. latina = além de); *Latus*, -a, -um (adj.= vasto, abundante, extenso, rico, etc.)

Elas se manifestam quando leio, por exemplo, um poema e o entendo de um modo, e outra pessoa, quando ler aquele mesmo texto, pode entendê-lo de outro. Isto ocorre, porque nos textos literários existem palavras que foram usadas, intencionalmente, ou não, para motivar essas múltiplas leituras. É por esta razão que eles são também denominados de textos polissêmicos (LYONS, 1987, p. 142-50).

(Poli = muitos), (sema = significado). Por sua vez, esses múltiplos significados vão determinar o grau ou relevância da polissemia textual². Aqui, esta palavra é compreendida como sendo a síntese de variados valores semânticos presentes no texto, a partir do léxico usado para construí-lo; e os mesmos ocorrem conforme o contexto em que eles estão inseridos e planejados para causar, de acordo com a interpretação de cada leitor, determinados efeitos de sentidos, à medida que a leitura vai se desenvolvendo.

Exemplo de palavra com estas acepções:

(2) **No meio do caminho**

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerei que no meio do caminho
tinha uma pedra. (ANDRADE, 1930, p. 35)

No texto acima, o vocábulo pedra, de acordo com o contexto, pode ser lido como: dificuldade, obstáculo, barreira, conflito, cansaço, etc. Cada leitor poderá atribuir um significado diferente, conforme a sua realidade, a sua maturidade, o seu contexto de vida, o motivo que o levou a ler aquele poema, assim como a finalidade da referida leitura.

Esses múltiplos valores semânticos encontrados nos textos literários são capazes de provocar diferentes reações no leitor, (choro, riso, tristeza, alegria, etc.). Isto se dá em função de algumas razões, dentre elas, estão: o contexto social em que ele está inserido, o grau de compro-

² Aqui a polissemia deve ser entendida com o sentido mais amplo, sentido *lato* do texto, oposto a Lyons, (1987), que atribui o mesmo conceito ao “lexema com vários significados”. Exemplo: *neck*. Lyons, ao tentar propor a distinção entre polissemia e homonímia, diz ser este “um problema, em princípio, insolúvel”. No entanto, aqui nesse texto **polissemia** tem como oposição **monossemia**.

metimento no momento da leitura, o seu “estado” de espírito; de igual modo, a construção de significados e perspectivas são geradas a partir do acúmulo de leituras do leitor, ou seja, do seu letramento literário. Tais fatos vão lhe permitir interagir com o texto, e, conseqüentemente, identificar e externar as suas acepções.

Aquele “conjunto de alterações agregadas” à palavra pedra é também denominado conotação ou efeito conotativo. Em, “Tinha uma pedra no meio do caminho”, como se constata, provoca diferentes interpretações ou leituras. Esse fato é o que caracteriza um texto polissêmico, e tal atribuição é própria dos textos literários.

Vale acrescentar, no entanto que o uso de textos polissêmicos também ocorre, com frequência, em propaganda e marketing. Neste caso, são combinados fenômenos polifônicos, para criar os mais diferentes slogans, os quais valorizam ou subvertem aquilo que são de interesse de seus criadores.

Desse modo, um texto que não seja literário e nem publicitário, caso ele permita mais de uma interpretação, é porque nele existe algo errado. Vejamos o destaque abaixo:

De acordo com aquilo que o cidadão comum percebe, diariamente, para estimular o consumo de cervejas, os fabricantes destas bebidas gastam milhões em propagandas na tevê. Quando alguém reclama essa prática, principalmente, porque ela ocorre, tanto durante o dia, quanto à noite, aquelas pessoas de Brasília que escrevem leis, afirmam que a propaganda de cerveja na televisão ocorre, somente, porque cerveja não é bebida alcoólica. No entanto, se um cidadão comum beber **um copo** de cerveja e sair dirigindo, caso seja pego pela fiscalização de trânsito, ele será autuado por dirigir embriagado.

Percepção importante:

- a) Se para os produtores de cervejas e para os deputados, as cervejas não são bebidas alcoólicas, como explicar o fato de o cidadão comum ser considerado bêbado após ingerir **um** copo dessa bebida?

Enfim, esse exemplo de “lei”, em outro país, talvez só aparecesse em um programa de humor, ou em livros de piadas, uma vez que uma lei não pode dar margem a interpretações, como se ela fosse um poema. Aos poemas sim, diferentes juristas poderiam atribuir-lhes diferentes “leituras”.

Voltando à questão dos textos literários. Reafirmando, portanto, só os textos publicitários e os literários são polissêmicos. Na realidade, isso ocorre, porque os mesmos são obras abertas³, em razão disso, elas apresentam muitas possibilidades para serem lidas. Este é o caso, por exemplo, de um romance, quando levado para as telas, isto é, quando ele é filmado, o que se vê nas telas é diferente do texto escrito. De igual modo, principalmente, quando o mesmo romance é filmado novamente algum tempo depois, a outra versão certamente será diferente da anterior, ou seja, isso comprova a existência de diferentes leituras para o mesmo livro. Como exemplo destaco ‘A gata borralheira’, esta história já foi representada no cinema com diferentes versões, diferentes leituras ou diferentes percepções.

O texto literário tem, portanto, algumas características particulares: uma delas é a constatação de que o significado semântico e literário flutua, não só conforme o tempo, a maturidade do letramento do leitor, mas também de acordo com a capacidade criativa dele. Tais questões vão permitir que a leitura seja capaz de contribuir para que o leitor transite, com certa facilidade, entre o mundo narrado e o seu ambiente social.

Exemplos de gêneros textuais que são conotativos:

a) Poemas; b) Fábulas; c) Contos; d) teatro; e) Romances; f) Textos publicitários.

Por último, vale acrescentar que no texto literário, também ocorrem expressões marcadamente, denotativas. Ou seja, à informação dada, não cabe interpretações. De acordo com o dito, veja:

Se uma narrativa expõe uma dona de casa em um supermercado comprando mantimentos para preparar o almoço, e em seguida diz que ela comprou carne, legumes, frutas e verduras; é evidente que estas informações deverão compor um conjunto de dados denotativos, ou seja, não será possível fazer suposições ou interpretações. Nesse e em muitos outros casos, a leitura do signo linguístico deverá ser literal. Quem ler um romance possui intuições sobre o mundo, e elas são capazes de fazer perceber que, em determinados episódios da literatura, existem certos trechos puramente denotativos.

³ Os textos literários são obras abertas, mas não são escancaradas. Existem limites para tudo

3. O texto denotativo ou acadêmico

O que é denotar?

De acordo com (FARIA, 1962, p. 294)⁴, *denotare* é indicar por meio de **um** sinal (designar, notificar, marcar).

No uso contemporâneo, o verbo denotar está relacionado ao processo de representar o mundo, no qual as palavras externam sentido único, ou como se diz: sentido literal. Por sua vez, o substantivo feminino denotação, de acordo com (ILARI, 2001, p. 41), “é o efeito de sentido pelo qual as palavras falam ‘neutramente’ do mundo”. De igual modo, (CHALHUB, 1995, p. 9), antes de Ilari, já dizia que denotação é a “linguagem correlacionada a um real”. Ainda de acordo com a mesma autora, (p. 10), “a linguagem denotativa seria elaborada em função de uma certarepetibilidade das normas do código, produzindo informações definidas, claras, transparentes, sem ambiguidades”.

Dessa forma, um texto livre de ambiguidades está isento de interpretações, porque apresenta apenas um significado, esse é, portanto, o requisito principal de um texto denotativo; diante de tais evidências, ele é um texto monossêmico. Ao se deparar com um texto nestas condições, o leitor ou interlocutor não tem espaço para fazer especulações, a palavra ou a criatividade dele está, de certa forma, apagada. Ao leitor só resta aceitar aquelas informações ali obtidas.

No texto monossêmico, o discurso é, por sua natureza, autoritário. E assim deve ser, pois o que está exposto nele, não pode ser questionado. É esse fato o que caracteriza e norteia o texto denotativo. Por exemplo, não posso ler uma tese de doutorado e compreendê-la de um modo, e outro leitor entendê-la de outra forma. O texto denotativo é um texto cujo significado é fechado e controlado, isto é: não se pode apreender nada, além daquilo que está explícito na superfície do papel. Por exemplo, em um livro de matemática, em um artigo científico, em uma dissertação de mestrado ou tese, quando leio a seguinte informação:

(3) “Cinco vezes cinco é igual a vinte e cinco”.

Neste caso, não será possível dizer que $5 \times 5 = 26$ ou 24 .

Em qualquer lugar, quem multiplicar 5×5 vai sempre dizer que o

⁴ *Denotatio, onis*, subst. f. = indicação, denotação.

Denotare, verbo tr. 1) Denotar, indicar por meio de um sinal, designar.

Denotatus, -a, -um, particípio passado de *denotare*. Adjetivo = denotado.

resultado é 25. Isso ocorre, porque a palavra cinco é inteiramente neutra de outro significado. Portanto, ela será sempre lida no sentido denotativo, ainda que esteja em textos literários.

Essa linguagem referencial com propósitos informativos, ainda que seja típica do discurso acadêmico, é também encontrada fora dele. (CHIERCHIA, 2003, p. 36) diz que: “Por referência (ou denotação), entende-se aquilo a que um signo se refere no contexto de emissão”. Em seguida, propõe alguns exemplos dentre os quais destaco dois. “O nome Pavarotti denotará o célebre tenor em qualquer contexto”; “Um pronome como eu denota em geral o falante”. Por sua vez, (BECHARA, 2009, p. 36), diz que denotar é “representar por meio de um símbolo”. Exemplo proposto: “A imagem da coruja denota sabedoria”.

Nos exemplos apresentados no parágrafo acima, o verbo denotar aparece apenas como sinônimo de significar. (O nome Pavarotti significará o célebre tenor...), (A imagem da coruja significa sabedoria).

Ainda segundo Chierchia (*Idem*, p. 46), “não há diferença entre denotação e sentido ou significado”. Por sua vez, Lyons (1987, p. 147) afirma: “Deve-se mencionar que os termos ‘sentido’ e ‘denotação’ foram usados de forma diferente por linguistas e filósofos. De certa forma esta é uma questão polêmica. (Mas) é claro que sentido e denotação são interdependentes.”.

Não pretendo aqui questionar e nem apreciar esses diferentes pontos de vista, mas apenas expô-los, para se constatar as diferentes opiniões sobre um tema que há muito tempo está em debate, e há indícios de que ele vai demorar a ter fim.

Por outro lado, para Oiticica (1953) e Cavaliere (2009), o sintagma nominal, palavras denotativas é apenas um rótulo que serve para identificar um grupo especial de palavras selecionadas pela NGB, Nomenclatura Gramatical Brasileira; as quais são estudadas à parte, isto é, são palavras que não estão incluídas entre aquelas dez classes de palavras que aparecem nas gramáticas. Esse grupo de palavras também é denominado de: palavras expletivas, termo acidental, partícula de realce, palavras de reforço, termo de exceção, etc. (cf. CAVALIERE, 2009, p. 7).

Enfim, o dito acima fica assim resumido: a palavra denotação, para um grupo de autores, é sinônimo de significado; para outro grupo de estudiosos, palavras denotativas é apenas mais um sintagma nominal ou mais um rótulo a ser incluído entre aqueles citados no fim do parágrafo

anterior. Porém, aqui neste artigo, a noção de palavras denotativas segue a orientação latina, bem como aquela apontada por Ilari (2001) e Chalhub(1995); isso é, são palavras que apresentam apenas um significado.

Portanto, o texto construído com palavras ausentes de outros significados, certamente que resultará em um texto que também apresentará apenas um significado. Com isso, observa-se que, no caso de se ter a possibilidade de enviar todos os textos literários para a lua, por exemplo, ainda sobram muitos textos em nosso meio social. Dentre eles estão os textos denotativos.

Exemplos de textos denotativos:

Todos os textos acadêmicos, todos os textos instrutivos, receitas médicas, bulas de remédios, rótulos, regulamentos, etc.

Tais textos, obrigatoriamente, devem apresentar informações claras, objetivas e sem ambiguidades. Há ainda que se incluir aqui certos textos nãoverbais, os quais apresentam leituras estritamente denotativas, dentre os quais estão: placas de trânsito, mapas, radiografias, eletrocardiogramas, etc.

Os textos denotativos, portanto, não podem ser lidos de outra forma, além daquela em que estão expostos a seus leitores. Sendo assim, vamos imaginar um relatório contendo um exemplo como o seguinte:

(4) Hoje, em função da chuva, alguns alunos faltaram às aulas.

Quantos alunos faltaram? É difícil dizer, porque, quanto significa alguns? Cada professora que responder a esta pergunta poderá atribuir, à palavra *alguns*, uma quantia diferente. Na turma A, alguns alunos pode ser quatro; na turma B, alguns alunos talvez seja sete, e assim, sucessivamente.

A partir desta pequena demonstração, é possível dizer que palavras tais como: vários, poucos, muitos, diversos, mais de, menos de, dentre outras, *não devem ser usadas* em textos científicos ou denotativos. E por que isso ocorre? Porque em um projeto de pesquisa, em um trabalho científico, por exemplo, não posso dizer assim:

(8) Meu *corpus* é composto por ‘muitas’ entrevistas;

(9) Meu *corpus* é composto por ‘vários’ romances de Machado de Assis;

(10) Meu *corpus* é composto por ‘mais de’ vinte preposições.

Em hipótese alguma isso poderá ocorrer, porque as palavras des-

tacadas são todas variáveis em quantidades, ambas podem induzir a valores ou a leituras subjetivas. Cada leitor poderá atribuir, à palavra ‘muitas’, quantias diferentes. Por exemplo: quanto é ‘mais de vinte’? Será que é trinta? Oitenta? Cem? ‘Mais de vinte’ são infinitos valores. Desse modo, como fazer análise dos dados sem a quantidade definida? É por esta razão que, tratando-se de texto científico, é necessário expor quantias específicas, uma vez que ele deve ser compreendido no seu sentido literal.

A seguir, destaco os traços mais distintos entre os grupos de textos, os mesmos estão expostos com o seu significado nuclear ou principal. Após o quadro 1, cada item será melhor explicado.

4. *Traços distintos entre textos conotativos e textos denotativos*

CARACTERÍSTICAS DE TEXTOS CONOTATIVOS (Literários)	CARACTERÍSTICAS DE TEXTOS DENOTATIVOS (Acadêmicos)
1) O texto conotativo é polissêmico. 2) É um texto sensitivo, (envolve emoções). 3) Não depende de um método para ser escrito. 4) Não precisa de fundamentação teórica. 5) Pode tratar de vários temas diferentes. 6) O leitor é autônomo. (Faz especulações). 7) Não precisa de uma conclusão definida. 8) É um texto de base estética da transgressão. 9) É um texto com baixo teor de informação. 10) É um texto com personagem.	1) O texto denotativo é monossêmico. 2) É um texto inteiramente racional. 3) Segue um método específico. 4) Exige ampla fundamentação teórica. 5) Aborda um tema específico. 6) O leitor é controlado pelo texto. 7) Precisa de uma conclusão final. 8) É texto de base estética da conservação. 9) Possui elevado teor informativo. 10) É um texto sem personagem.

Quadro 1: Características distintas entre textos conotativos e textos denotativos.

De acordo com o quadro 1, é possível perceber que o texto literário não tem a mesma função social que o texto científico. Ou seja, constata-se que não existe relação entre ciência e literatura. O exposto acima confirma o que (ABREU, 2006, p. 41) dissera antes: “ciência e literatura não têm o mesmo objeto de estudo, nem o mesmo método, tampouco servem aos mesmos fins da vida humana”.

Estes pressupostos contribuem para se destacar os traços distintos entre o texto polissêmico ou literário e o texto monossêmico ou acadêmi-

co.

1. O exposto inicialmente e conforme o quadro 1, o texto é nomeado polissêmico⁵, quando a ele é possível atribuir-lhe mais de uma interpretação ou leitura. Por outro lado, o texto é nomeado monossêmico, porque só existe um modo de ele ser lido, todos o leem e o compreendem de uma única forma.

2. No quadro 1, o texto conotativo é dito sensitivo, porque o leitor fica emocionalmente afetado com o conteúdo lido. O texto conotativo faz o leitor manifestar a sua emoção. Ele externa aqueles sentimentos próprios da alma, os quais variam de leitor para leitor. Pode ser alegria, revolta, tristeza; ou seja: o leitor reage emocionalmente, não fica indiferente com o que ouve ou lê. Contrário a isso, em contato com um texto denotativo, o leitor terá de usar *somente a razão*, tanto para ler uma tese, um livro de matemática, quanto para seguir as orientações de um código de trânsito, etc.

3. De acordo com o interesse, qualquer pessoa pode escrever um poema, um conto, uma novela, um romance. Para se escrever um texto literário, não há exigências de conhecimentos teóricos, grau de instrução e nem mesmo seguir um método específico etc. No entanto, para escrever um artigo científico, uma dissertação ou tese existe a obrigatoriedade de se seguir um método pré-estabelecido pela instituição de ensino, a qual teve de adaptar-se a um padrão de modelo de texto há muito tempo convencionalizado.

4. Ainda que existam algumas instruções no mercado editorial que sejam capazes de ajudar alguém a escrever, uma pessoa pode elaborar um conto, um poema, ou seja, um texto literário, sem que esteja obrigada a seguir uma teoria. Contrário a esta realidade, nenhum texto científico poderá ser escrito sem uma fundamentação teórica. Isso ocorre, porque, acredita-se não existirem mais temas sem que não tenham sido explorados. Em razão disso, qualquer pesquisa vai partir sempre de outra ou várias outras existentes, esse fato vai exigir do pesquisador um conhecimento teórico sobre o tema a ser explorado, e esse conhecimento teórico inicial fará parte da fundamentação teórica do trabalho a ser desenvolvido.

⁵ Lyons (1987), Cançado (2008), Ilari (1994), em suas pesquisas, abordam a polissemia existente nos vocábulos. Aqui, ela ultrapassa esse limite e “contamina” de polissemia o texto todo.

5. Em um livro de poemas ou de contos, em uma novela ou romance, muitos temas diferentes podem ser expostos ao mesmo tempo. No entanto, em artigo científico, dissertação ou tese é preciso que o autor trate, única e exclusivamente, de um tema específico, e esse, quanto mais delimitado, melhor. Isso ocorre por diversos motivos: o tempo pré-determinado, a característica do trabalho, a equipe de pessoas envolvidas, os equipamentos, o capital aplicado, (quando existe), etc.

6. No texto conotativo, o leitor é autônomo, porque pode fazer especulações sobre o que lê. O leitor tem controle sobre o texto e por isso pode atribuir-lhe um significado diferente do que o autor imaginou. Por outro lado, por ter significado restrito, o texto denotativo é monossêmico. É ele que controla o leitor, o leitor é obrigado a seguir o que está escrito na superfície textual.

7. O texto conotativo ou literário, em razão de ser considerado um texto aberto, os diferentes leitores poderão dar um final para a narrativa; isto é: o texto literário não precisa de uma conclusão específica ou um fim que não possa ser alterado. Porém, todo texto acadêmico, obrigatoriamente, precisa apresentar uma conclusão sobre o tema tratado ou sobre a pesquisa desenvolvida.

8. A criação literária é livre e inteiramente particular, por esse motivo está sujeita a transgressões. E o que pode ser transgredido na literatura?

Tudo. O autor de texto literário pode transgredir a norma padrão da língua, pode transgredir o número de página; se o autor quiser, pode colocar o final da obra no início dela; pode colocar uma foto onde achar conveniente, pode intercalar gêneros, tipos de letras etc. Ou seja, a obra literária é transgressora por natureza. Cada autor, de acordo com o seu critério, poderá introduzir, por exemplo, uma folha, uma rosa, pode usar uma estilística particular, no texto que está escrevendo. No entanto, tal fato se dá, porque não existe uma regra específica a determinar como o autor de um romance, de uma novela, de um conto, de um poema deve orientar-se, ou seguir.

Por sua vez, a estética do texto acadêmico é conservadora. Da mesma forma que uma dissertação era desenvolvida há um século, ela continua nos dias de hoje. Por exemplo, não se pode colocar uma foto, por mais bonita que ela seja, na primeira página de uma pesquisa. Fotos, mapas, documentos, etc. são chamados de anexo, por isto ficarão sempre expostos no final do texto. Ou seja, o texto denotativo segue um padrão-

único, e deve ser escrito a partir de normas previamente estabelecidas. Até o corpo da letra é previamente determinado, bem como o espaço entre as linhas.

9. Dadas às características, os textos literários têm baixo grau de informação. Uma obra literária é apreciada pelo impacto de prazer que ela provoca no leitor. Por outro lado, os textos acadêmicos possuem elevado teor informativo e é em razão dessas informações que ele será procurado e recomendado a outros grupos de leitores, já que a função de um texto denotativo ou científico é informar, e, principalmente, instruir.

10. O texto conotativo ou literário tem personagens, dos mais variados tipos e quantidades. São as personagens que irão contribuir com suas ações, para que o evento narrado se desenvolva e torne a leitura agradável. Um texto acadêmico, contudo, em função do gênero, do objetivo, do tema, da forma em que é escrito, não pode conter personagens.

5. Conclusão

Iniciei esse trabalho a partir da percepção de que o rio Negro e o rio Solimões, ainda que sejam constituídos com o mesmo elemento (água), e, ainda que eles corram no mesmo leito, eles não são a mesma coisa. Este mesmo “olhar” ou constatação também serviu para desencadear argumentações a ponto de construir conhecimentos acerca dos diferentes gêneros textuais. Assim, a partir do exposto ao longo desse texto, ficou mostrado que, tanto os textos literários, quanto os textos acadêmicos são escritos com o mesmo material linguístico, (palavras), mesmo assim, eles não são iguais.

De acordo com o que foi visto aqui, existem numerosos gêneros textuais que estão submetidos a especificidades bem particulares, e por isto são diferentes. Tais fatos impedem que se diga serem os textos literários e os textos acadêmicos “tudo a mesma coisa”, assim como não são “a mesma coisa” o rio Negro e o rio Solimões.

Perceber, admitir e reconhecer estas questões favorece a ampliação do conhecimento biosociocultural, não só dos leitores mais experientes, como também dos mais leigos que desejam penetrar nesse misterioso e fascinante mundo da escrita, nesse envolvente mundo da leitura dos mais diferentes gêneros textuais.

Assim, ter noções sobre gêneros textuais é um fator importante no

que se refere, tanto ao ensino, quanto à aprendizagem, visto que a partir da percepção de como os gêneros se organizam, é possível identificar a função social de cada texto. (Para que serve esse texto?). (Para instruir? Para divertir?). Com isso, ocorre também a ampliação da competência comunicativa, algo necessário nos mais diferentes níveis sociais.

Do ponto de vista morfológico, as palavras que dão origem a construções conotativas são sempre classificadas como substantivos. Exemplo: (pé > pé de árvore > pé de mesa > pé de vento > pé de guerra > etc.). Por sua vez, as palavras denotativas não dão origem a nada. E por que isso ocorre? Porque as palavras denotativas são neutras de significados.

Aquelas distinções que aparecem no quadro (1) propiciam certas facilidades, e elas orientam qualquer leitor a compreender melhor o funcionamento dos diferentes gêneros textuais, quando se tratar de situações de letramento literário ou práticas de leituras e produção de textos.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Alguma poesia*. Belo Horizonte: Pindorama, 1930.

BECHARA, Evanildo. *Minidicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

_____. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

CANÇADO, Márcia. *Manual de semântica: noções básicas e exercícios*. 2. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

CARVALHO, Maria Cecília M. de (Org.). *Construindo o saber: Metodologia científica, fundamentos e técnicas*. 23. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2010.

CARVALHO, Wandercy de. *O resumo acadêmico teoria e prática*. Goiânia-GO: Espaço acadêmico, 2015.

CAVALIERE, Ricardo. *Palavras denotativas e termos afins: uma visão argumentativa*. Niterói-RJ: UFF, 2009.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios)

CHIERCHIA, Gennaro. *Semântica*. Trad. de Luís Arthur Pagani, Lígia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino português*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura – MEC, 1962.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*, 4. ed. Curitiba: Positivo, 2009.

FOSSILE, D. Kanyela. Semântica & Pragmática: Campos In/dependentes. *Revista voos polidisciplinar eletrônica da Faculdade de Guaicará*, dez/2009, v. 2, p. 40-58. Disponível em: www.revistavoos.com.br. Acesso em 10/10/2016.

GUIMARÃES, Eduardo. *História da semântica: sujeito, sentido e gramática no Brasil*. Campinas-SP: Pontes, 2004.

HOUAIS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. R. de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à semântica: brincando com a gramática*. São Paulo: Contexto, 2001.

_____; GERALDI, J. Wanderley. *Semântica*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1994.

LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Trad. de Marilda WinklerAverbug e Clarisse Sieckenius de Sousa. Rio de Janeiro: Guanabara S. A., 1994.

OITICICA, José. *Manual de análise léxica e sintática*. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1953.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Semântica. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução à linguística 2: domínios e fronteiras*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 4. ed. Campinas-SP: Pontes, 2002.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1977.